



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS NEGOCIAÇÕES
INTERNACIONAIS

**O IMPACTO DO NACIONALISMO NAS MINORIAS ÉTNICAS CHINESAS
UIGURES E TIBETANOS**

CAROLINA RENATA FERREIRA COSTA

JOÃO PESSOA
Março/2020

CAROLINA RENATA FERREIRA COSTA

**O IMPACTO DO NACIONALISMO NAS MINORIAS ÉTNICAS CHINESAS
UIGURES E TIBETANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Bacharelado em
Línguas Estrangeiras Aplicadas às
Negociações Internacionais, do Centro de
Ciências Humanas, Letras e Artes da
Universidade Federal da Paraíba, como
requisito parcial para a obtenção de grau
de bacharel em Línguas Estrangeiras
Aplicadas às Negociações Internacionais.

Orientadora: Profa. Ma. Cláudia Caminha
Rodrigues

JOÃO PESSOA
Março/2020

*"Sometimes when you feel like giving up
Try to stay calm, and get your act together
again
We'll keep becoming happier
Just let it be
You're holding up pretty well
It don't matter"*

(Jung Dongwook)

Universidade Federal da Paraíba

Pró-Reitoria de Graduação

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Departamento de Mediações Interculturais

Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de
Curso

**O IMPACTO DO NACIONALISMO NAS MINORIAS ÉTNICAS CHINESAS
UIGURES E TIBETANOS**

Elaborado por

Carolina Renata Ferreira Costa

Como requisito parcial para a obtenção do grau de

Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Ma. Cláudia Caminha Lopes Rodrigues – Orientadora – UFPB

Profa. Dra. Katia Ferreira Fraga – Examinadora – UFPB

Profa. Ma. Silvia Renata Ribeiro – Examinadora – UFPB

João Pessoa, 27 de março de 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à força maior que gosto de chamar de Deus, mas sintam-se à vontade para chamar da forma como acreditam.

Agradeço ao meu irmão, Carlos Henrique Junior, que aguentou meus surtos diários por causa desse trabalho, aconselhando no que podia, mas principalmente me ajudando com minhas inseguranças. Obrigada por me ouvir sempre que eu precisei independente de hora ou motivo.

Agradeço à minha vó, Vilma Matos, pois apesar da distância e de não nos falarmos tão frequentemente, sei que soube de todos os altos e baixos que eu passei ao longo do curso e sempre me apoiou em todas as escolhas que fiz. Obrigada por confiar em mim quando nem mesmo eu conseguia.

Agradeço aos meus amigos, ou melhor, cologas, Deisiane, Ícaro, Luiza, Elidiane e Nathália, por fazerem esses anos em João Pessoa mais proveitosos e divertidos, por compartilharem do drama em todos os semestres e me darem forças para continuar. Obrigada por serem incríveis e fazerem parte da minha jornada.

Agradeço novamente à Nathália, que, além de amiga, tornou-se um dos meus pilares psicológicos. Só nós sabemos pelo que passamos e como nos ajudamos. Por isso estamos aqui hoje. Obrigada por ter vindo para João Pessoa e entrado na minha vida.

Agradeço aos meus amores do NewZ Squad, que entraram na minha vida num período meio caótico, mas que marcaram território no meu coração e se tornaram minha família virtual. Obrigada por tornarem minhas madrugadas de insônia memoráveis.

Agradeço à Mariana, o lil' wook do meu big wook, o Elo do meu Meco, a Mari da minha Llina. Obrigada por me fazer sorrir quando estava triste, pelas ligações em horários aleatórios, pelas palavras de apoio que podem ter parecido simples, mas que para mim foram como empurrões. Obrigada por me entender e me apoiar em tudo.

Em especial, agradeço aos meus pais, Carlos Henrique e Claudia Cristina, por me apoiarem e me incentivarem a correr atrás dos meus objetivos. Sei que sem o apoio de vocês não estaria onde estou hoje, eu sou muito grata por tudo o que fizeram e sacrificaram por mim. Obrigada por tudo.

FOLHA DE IDENTIFICAÇÃO

Instituição	UFPB - Universidade Federal da Paraíba Endereço: - Reitoria Campus I, Cidade Universitária, s.n., CEP: 58039-900. João Pessoa/PB - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Campus I, Cidade Universitária, s.n., CEP: 58039-900. João Pessoa/PB
Dirigentes	Reitoria: Reitora: Profa. Dra. Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz Vice-Reitora: Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire De Oliveira Pró-Reitora de Graduação: Profa. Dra. Arianne Norma Menezes de Sá Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes: Diretora: Profa. Dra. Mônica Nóbrega Vice-Diretor: Prof. Dr. Rodrigo Freire de Carvalho e Silva Departamento de Mediações Interculturais: Chefe: Profa. Dra. Tânia Liparini Campos Vice-Chefe: Profa. Ma. Christiane Maria de Sena Diniz Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais: Coordenadora: Profa. Ma. Sílvia Renata Ribeiro Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Kátia Ferreira Fraga
Trabalho de Conclusão de Curso	Título: O impacto do nacionalismo nas minorias étnicas chinesas Uigures e Tibetanos Vínculo: Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso Professor Responsável: Profa. Ma. Sílvia Renata Ribeiro
Execução	Orientação: Prof. Ma. Cláudia Caminha Rodrigues Aluna: Carolina Renata Ferreira Costa

RESUMO

As minorias étnicas chinesas representam a multiculturalidade existente no país. Tais grupos passaram por um longo processo de identificação e categorização até conseguirem um reconhecimento oficial, enfrentando situações que desmereceram suas culturas frente a etnia Han, majoritária no país. Assim, com base nas pesquisas de Mackerras (2003; 2010; 2016), Zhou (2016), Heberer (2018), dentre outros autores, o objetivo deste trabalho é investigar a influência do nacionalismo nas minorias étnicas chinesas Uigures e Tibetanos. Por meio da pesquisa bibliográfica, busca-se descrever a pluralidade étnica do país e sua multiculturalidade, e então relatar os impactos do nacionalismo nas minorias étnicas Uigures e Tibetanos, especificando suas semelhanças e diferenças, para assim analisar os efeitos das ações tomadas pelo grupo majoritário nas culturas dos grupos minoritários. Os resultados demonstram que apesar das culturas das etnias minoritárias terem sofrido impactos com a interferência dos Han e atitudes chauvinistas apresentadas por esta etnia, aqueles grupos estão em constante luta por suas identidades e precisam de medidas de preservação para que possam continuar a existir fazendo jus ao caráter multicultural da China.

Palavras-chave: China. Minoria. Etnia. Uigures. Tibetanos. Nacionalismo.

ABSTRACT

The Chinese ethnic minorities represent the country's multiculturalism. Nevertheless, these groups have been through a long identification and categorization process until their official recognition, facing situations in which their cultures were looked down upon by the Han ethnicity, the majority in the country. Thereby, based on Mackerras (2003; 2010; 2016), Zhou (2016), Heberer (2018) and other writers' works, the aim of this research is to investigate the influence of nationalism on the Chinese ethnic minorities, Uighurs and Tibetans. Through this bibliographical research, we seek to describe the ethnic plurality of the country and its multiculturalism, and then relate the impacts of nationalism on the Uighurs and Tibetans ethnic minorities, specifying their similarities and differences, in order to analyze the effects of the actions taken by the majority group upon the ethnic minorities' cultures. The results show that even though the ethnic minorities have suffered impacts because of the Han interference and chauvinist actions, those minorities are in constant fight for their identities. They also need preservation measures so that they can continue existing, preserving the multiculturalism of China.

RESUMEN

Las minorías étnicas chinas representan el multiculturalismo del país. Tales grupos han pasado por un largo proceso de identificación y categorización hasta lograr un reconocimiento oficial y aún así, hubo situaciones en que sus culturas fueron menospreciados ante la etnia Han, en ese entonces era el grupo mayoritario. Por lo tanto, basado en investigaciones de Mackerras (2003; 2010; 2016), Zhou (2016), Heberer (2018), entre otros autores, el objetivo de este trabajo es investigar la influencia del nacionalismo en las minorías étnicas chinas llamadas Uigures y Tibetanos. A través de la investigación bibliográfica, describiré la pluralidad étnica del país y su multiculturalismo e informaré sobre los impactos del nacionalismo en las minorías étnicas Uigures y Tibetanos, especificando sus similitudes y diferencias, para poder analizar el efecto de las acciones tomadas por el grupo mayoritario en las culturas de las minorías. Los resultados muestran que, aunque las culturas de los grupos étnicos minoritarios han sido afectados por la interferencia de los Han y las actitudes chavinistas presentados por esta etnia mayoritaria, esos grupos están en una constante lucha por su identidad y necesitan medidas de conservación para que puedan seguir existiendo y así lograr que China sea un país que valore su multiculturalismo.

RÉSUMÉ

Les minorités ethniques chinoises représentent le multiculturalisme du pays. Ces groupes ont traversé un long processus d'identification et de catégorisation jusqu'à ce qu'ils obtiennent une reconnaissance officielle, et pourtant, il y a eu des situations qui ont déprécié leurs cultures face à l'ethnie Han, la majorité dans le pays. Ainsi, sur la base des recherches de Mackerras (2003; 2010; 2016), Zhou (2016), Heberer (2018), entre autres auteurs, l'objectif de ce travail est d'étudier l'influence du nationalisme sur les minorités ethniques chinoises ouïghours et tibétaines. À travers des recherches bibliographiques, nous cherchons à décrire la pluralité ethnique du pays et son multiculturalisme, puis à rapporter les impacts du nationalisme sur les minorités ethniques ouïghoures et tibétaines, en précisant leurs similitudes et leurs différences, afin d'analyser les effets des actions menées par le groupe majoritaire dans les cultures des groupes minoritaires. Les résultats démontrent que bien que les cultures des groupes ethniques minoritaires aient été affectées par l'ingérence des Han et les attitudes chauvines présentées par ce groupe ethnique, ces groupes sont en lutte constante pour leur identité, et ont besoin de mesures de préservation afin qu'ils puissent continuer à être à la hauteur du caractère multiculturel de la Chine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - ETNICIDADE E UNIDADE NACIONAL	14
CAPÍTULO II - UIGURES E TIBETANOS	24
CAPÍTULO III - IMPACTOS CULTURAIS E CONTRAMEDIDAS	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

As minorias étnicas representam cerca de 9% da população chinesa, e tais minorias possuem seus próprios costumes, tradições, línguas e valores morais, constituindo diferentes culturas, assim, caracterizando a China como um país multicultural. Tais minorias passaram por um longo processo de identificação e categorização até chegarem ao reconhecimento e oficialização de 55 etnias minoritárias chinesas, que, somadas com a majoritária, Han, tornaram-se as 56 nacionalidades chinesas.

Apesar de representarem a grande diversidade cultural do país, tais grupos minoritários passaram por situações que desmereceram suas culturas frente à majoritária, e atitudes chauvinistas dos Han impactaram suas culturas de modo por vezes irreversível. É clara a importância de tais culturas para o país e para seus próprios grupos étnicos, e por isso é importante saber lidar com tais aspectos culturais sem lhes infligir danos.

Para conseguir alcançar o objetivo de investigar a influência do nacionalismo sobre a cultura das minorias étnicas com um enfoque nos Uigures e Tibetanos, a presente pesquisa possui como objetivos específicos descrever a pluralidade étnica do país e sua multiculturalidade, e então relatar os impactos do nacionalismo nas minorias étnicas Uigures e Tibetanos, especificando suas semelhanças e diferenças, para assim analisar os efeitos das ações tomadas pelo grupo majoritário nas culturas dos grupos minoritários.

Esta pesquisa se justifica devido à pouca discussão do tema, mesmo com o possível desaparecimento de grupos étnicos minoritários, com suas línguas, costumes e tudo o que envolve suas culturas.

A metodologia utilizada foi a bibliográfica, que, de acordo com Macedo (1994), tem como base de pesquisa para o trabalho a busca de informações relacionadas ao tema desejado em fontes secundárias, seja livros, revistas ou artigos já publicados. Assim, através do material teórico coletado, pode ser feita uma investigação acerca do tema escolhido, e analisar e discutir pontos já abordados por outros autores estudados devido ao objeto de estudo ser compatível

com o desta pesquisa. Obras de Mackerras (2003; 2010; 2016) compõem a maior parte da bibliografia desta pesquisa, logo, são a base de diversos pontos discutidos ao longo do texto.

O primeiro capítulo aborda a pluralidade étnica do país e o processo de identificação cultural e categorização de nacionalidades, assim como maneiras distintas e opostas de como o Estado lidou com tal multietnicidade, e de que formas o nacionalismo e a busca por uma unidade nacional podem afetar as minorias étnicas de forma geral.

No segundo capítulo, o enfoque é dado às minorias Uigures e Tibetanos, os impactos do nacionalismo dos Han sobre essas minorias e as semelhanças e diferenças desses impactos para essas minorias. As minorias Uigures e Tibetanos foram escolhidas por apresentarem o maior número de conflitos com a etnia Han, pois são detentoras de maior noção de identidade cultural e orgulho por pertencimento às etnias, demonstrando maior recusa à integração de sua população numa sociedade sob a dominância cultural dos Han, como iremos verificar nesta pesquisa.

No terceiro capítulo os efeitos de ações tomadas pelo grupo majoritário sobre as etnias minoritárias são demonstrados. Há, ainda, um enfoque nas línguas minoritárias e sua importância para as culturas de tais grupos. Além disso, são descritas tentativas dos Han de remediar esses efeitos e discutidos os resultados de tais tentativas.

Nas considerações finais são apresentados os resultados da pesquisa, e através do que foi analisado nos capítulos anteriores, pode ser concluído que apesar das dificuldades encontradas pelas etnias minoritárias estudadas e da constante tensão existente entre elas e os Han, grupo majoritário, estas minorias ainda lutam por suas identidades e precisam de apoio para que suas culturas possam continuar existindo.

As minorias étnicas chinesas existem, e apesar de pouca representatividade internacional, tais grupos representam o país, assim como o grupo majoritário, e toda a multiculturalidade existente na China.

1. ETNICIDADE E UNIDADE NACIONAL

Ao se pensar em China, mais especificamente na população chinesa, a imagem formada é a de um mesmo povo, de pele clara, que fala mandarim e tem uma cultura única. O país, porém, possui uma vasta diversidade cultural, geralmente desconhecida internacionalmente, com povos de diferentes religiões, línguas, costumes e crenças que se encaixam na categoria de minorias étnicas do país.

O fenômeno da etnicidade afeta uma identidade coletiva, construída a partir de elementos culturais específicos, e diferencia um grupo frente a “outros”, e dentro de um país extenso e diverso como a China, o número de grupos que se caracterizam de forma distinta do “outro” é muito grande (CORTÉS, 2009). Mackerras (2003) explica que a China é um país que possui cinquenta e cinco nacionalidades minoritárias reconhecidas oficialmente pelo estado - grupos étnicos categorizados de acordo com pontos a serem abordados -, além do grupo majoritário, a nacionalidade Han, que representa mais de 90% da população do país (DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTATÍSTICAS DA CHINA, 2011).

Colin Mackerras, sinologista¹ australiano especialista em cultura chinesa, aborda em suas obras diversos aspectos que dizem respeito às minorias étnicas chinesas. Em seu livro, *China's Ethnic Minorities and Globalisation* (2003), escreve que o nacionalismo chinês entra facilmente em tensão com qualquer crescimento na influência que as identidades minoritárias possuem, e é a partir dessa suposta tensão e ações desencadeadas por ela que se torna possível observar as diversas formas em que o país tem reagido e se relacionado com esses grupos minoritários.

Nacionalidade é um conceito de complexa caracterização, devido ao caráter multinacional do país em questão, porém, apesar de tal dificuldade, Mackerras (2003) define nacionalidade como uma comunidade de pessoas, constituída historicamente, formada com base em língua, território, economia em comum, e de uma estrutura psicológica, que é manifestada na forma de cultura².

¹ Alguém que estuda a língua, literatura e civilização chinesas.

² Nesta pesquisa, adota-se a definição de cultura de Spencer-Oatey (2008, p.3, tradução nossa): “Cultura é um vago conjunto básico de hipóteses e valores, orientações de vida, crenças, políticas, procedimentos e convenções comportamentais que são compartilhados por um grupo de pessoas, e

Porém, apesar de tal definição dada por Mackerras (2003), ainda existem controvérsias sobre sua aplicação, tendo em vista que nem todos os grupos étnicos possuem os quatro quesitos claramente definidos. É o caso dos muçulmanos chineses, conforme citação abaixo:

“Os muçulmanos chineses, que foram denominados Hui, atualmente não possuem seu próprio idioma, e o território está tão disperso pelo país que é muito difícil confirmar que eles têm um território comum”³ (MACKERRAS, 2003, p.2, tradução nossa).

Para que ‘etnia’ ou ‘grupo étnico’ seja definido, é necessária a análise não apenas da língua e da cultura em comum, mas também da ancestralidade, história compartilhada e possivelmente uma religião (MACKERRAS, 2003), porém ainda é possível relacioná-lo com o que diz respeito à nacionalidade. Através da identificação dessas características é possível definir o pertencimento ou não de um povo a uma determinada etnia. Essa análise também é pertinente para as ‘minorias’, conforme Heberer (2018), a seguir:

O termo ‘minoria’ envolve um grupo de pessoas que se diferenciam em características específicas distintas do resto da população de um país cujo território elas habitam. Essas características podem derivar em raça, língua, religião, costumes, valores morais, tradições, vestimenta, organização social, etc. Em qualquer caso elas seriam comuns a todos os membros do grupo, o que torna relativamente fácil a diferenciação entre os grupos⁴ (HEBERER, 2018, p. 7, tradução nossa).

Percebe-se, portanto, a instabilidade das características usadas para definir esses grupos minoritários chineses. Comparando tal ideia com o que afirmou Cortés (2009, p.99) ao descrever que “a seleção de aspectos pertinentes à cultura permite defini-la em contraposição ao que é distante”, é possível compreender que os

que influenciam (mas não determinam) o comportamento de cada membro e sua interpretação do ‘significado’ do comportamento de outras pessoas” (Spencer-Oatey, 2008, p.3, tradução nossa)

³The chinese muslims who are termed Hui do not have their own language nowadays and their territory is so dispersed throughout the country that it is very difficult to claim that they have a common territory (MACKERRAS, 2003, p.2).

⁴ The term ‘minority’ embraces a group of people who differ in a number of distinctive specific characteristics from the rest of the population of a country whose territory they inhabit. These characteristics may derive from race, language, religion, customs, morals, traditions, dress code, social organization, etc. In any case they will be common to all the members of such a group, and make it relatively easy to distinguish them from other groups (HEBERER, 2018, p. 7).

aspectos previamente apontados para a definição de cultura somente são aplicáveis quando existem duas ou mais culturas a serem comparadas. Em outras palavras, diferença gera identidade, isto é: o que define e une um grupo é a existência de algo comum que o diferencia de outros.

As nacionalidades minoritárias possuem sua parcela de importância no país, porém, historicamente, esses povos têm enfrentado situações que afetam suas culturas e diminuem sua porcentagem já pequena na população chinesa.

Um exemplo é a etnia Oroqen, grupo étnico minoritário chinês que, de acordo com o censo de 2010 (DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTATÍSTICAS DA CHINA, 2011), contava, à época, com não mais de 8.500 pessoas, mesmo tendo sido maior anteriormente.

Essa diminuição na população de nacionalidades minoritárias não tem recebido a atenção necessária, mesmo diante de culturas sendo desvalorizadas e destruídas.

É possível perceber o efeito dessa desvalorização ao observar o caso dos Oroqen: a parcela da população que mantém o dialeto do grupo vivo é muito pequena e é formada apenas por seus membros mais velhos. Suas demonstrações culturais estão cada vez mais escassas, e os xamãs, antes principais líderes religiosos do grupo, já desapareceram completamente (GIBSON, 2019).

A China é um país multicultural devido ao grande número de grupos étnicos, mas é possível observar, de acordo com Minglang Zhou (2016) – pesquisador chinês na área de linguística e etnicidade – que durante a construção do estado-nação, o país passou por momentos em que não acomodou o multiculturalismo de maneira positiva. O autor afirma que “o modelo soviético, teoricamente, acomoda o multiculturalismo apenas como um particularismo a nível comunitário”⁵ (ZHOU, 2016, p.136, tradução nossa). O país também passou por momentos em que valorizou culturas minoritárias, Zhou (2016) explica que o modelo Chinês⁶ parece ter a capacidade de acomodar o multiculturalismo balanceando a relação entre culturas minoritárias e cultura popular.

⁵ The soviet model, by design, accommodates multiculturalism only as a particularism on a community basis (ZHOU, 2016, p.136).

⁶ O modelo chinês será abordado adiante.

Com a afirmação de que “tradicionalmente, nacionalismo é entendido como um sentimento de estar ligado a um território limitado de um estado-nação”⁷ (BARABANTSEVA, 2011, p.5, tradução nossa) de Helen Barabantseva, é possível comparar tal definição com a já apresentada por Mackerras (2003) de ‘grupo étnico’, e perceber que os dois termos, nacionalismo e grupo étnico, possuem uma característica em comum, o território. No entanto, apesar de as minorias étnicas estarem dentro do território da República Popular da China e ocuparem cerca de 60% (sessenta por cento) do território do país (MACKERRAS, 2003), as minorias não necessariamente são incluídas culturalmente na unidade nacional de forma adequada devido ao modo de integração de tais grupos na sociedade chinesa.

Ao se referir ao nacionalismo, Riyun (2009) afirma que é um fenômeno muito complicado, e possui diferentes impactos políticos. O nacionalismo contemporâneo Chinês e seus efeitos são únicos. Dentre as mais diversas formas de impactar determinadas áreas, as minorias étnicas vivem e sentem esses impactos, por conta do desejo do governo de criar uma identificação nacional na nação chinesa.

Thomas Heberer (2018), professor universitário alemão de sociedade e política chinesas, explica que dentro das minorias existem diversos tipos de características em que um grupo pode se enquadrar, como minorias religiosas, linguísticas, territoriais, políticas ou imigrantes, além das étnicas já abordadas e definidas por Mackerras (2003).

Com tanta diversidade, o processo de identificação e classificação das minorias exige um método que consiga lidar com tal estrutura nacional, e foi com tal exigência que surgiram modelos de cidadania que tentaram estruturar a relação do estado com as minorias.

Zhou (2016, tradução nossa, p.114) cita um dos modelos em que “espera-se que o estado busque uma cidadania igualitária para todos, valorizando culturas minoritárias [...] e garantindo representação do grupo em instituições políticas e civis”⁸. Zhou (2016, p.115 tradução nossa), porém, afirma ser comum que os

⁷ Traditionally, nationalism is understood as a feeling of being bound to the territorial confines of a nation-state. (BARABANTSEVA, 2011, p.5)

⁸ State is expected to pursue equal citizenship for all by valorizing minority cultures [...], and granting group representation in political and civic institutions (ZHOU, 2016, p.114).

estados-nações falhem em cumprir tal modelo de cidadania, que idealmente serviria para conectar o cidadão ao estado, no entanto “normalmente, cidadãos de minorias são formalmente providos com um cidadania limitada”⁹ que não possui o caráter de igualdade social buscado em um modelo ideal de cidadania. Logo, habitar um mesmo território não é suficiente para a unicidade de um povo.

Diante das evidências de que as etnias minoritárias da China se diferenciam da etnia majoritária dos Han, e que tem passado por situações que as desvalorizaram no âmbito nacional, a afirmação de Heberer (2018) de que dividi-las e categorizá-las possui um alto nível de dificuldade torna-se relevante, em especial ao se considerar a forma de se lidar com tais grupos, uma vez que, sendo a China um país multiétnico, “a complexa composição dos grupos minoritários da China pede por uma aproximação mais diferenciada em relação ao estudo de países com uma estrutura nacional menos complexa”¹⁰ (HEBERER, 2018, p.10, tradução nossa).

Zhou (2016) aponta que essa categorização começou a ocorrer oficialmente no início dos anos cinquenta, e com essa formação de um estado multinacional, diversos grupos se candidataram para o status de minoria, mas foi necessária a definição de critérios para que fossem distribuídos os grupos em etnias oficiais do país.

O Partido Comunista da China, responsável pelo projeto de classificação das minorias, adotou como critérios de identificação das etnias os mesmos critérios que o regime de Stalin utilizou para definição de nacionalidade étnica, isto é, possuir as seguintes quatro características: um território próprio, uma língua comum, um tipo comum de economia, e uma cultura própria em comum” (UNGER, 1997).

Foi durante o período em que a China vivia sob o modelo de Stalin que as minorias étnicas foram mais afetadas, pois, no modelo soviético, a cultura era tão somente um símbolo do multiculturalismo (ZHOU, 2016). Tal modelo entendia a construção de um estado-nação em que a China deveria ser um país unificado

⁹ Usually minority citizens are formally granted only limited citizenship (ZHOU, 2016, p.115).

¹⁰ This complex composition of Chinese minority groups thus calls for a more differentiated approach to the minority problem than that which would be adequate for studying countries with a less complex national structure (HEBERER, 2018, p.10).

culturalmente, dando origem a situações como a dos Oroqen, em virtude da supervalorização do nacionalismo da etnia Han, majoritária, e, por isso, "modelo" para unificação cultural.

A preocupação com o futuro das culturas de etnias minoritárias possui embasamento histórico pois, além da integração social de populações minoritárias, durante o período em que o país adotou o modelo de Stalin que envolvia uma padronização da língua da nação — seguindo o entendimento de uma China culturalmente unificada — dialetos iriam receber palavras da língua majoritária para tentar unificar o idioma, ocorrendo, assim, sua descaracterização ou eventual desaparecimento (ZHOU, 2016).

Não apenas os dialetos foram ameaçados pelo modelo soviético, mas também a própria cidadania do povo, já que “o modelo soviético da China de um estado multinacional garantia apenas cidadania limitada aos cidadãos de minorias”¹¹ (ZHOU, 2016 p. 126, tradução nossa). O estado era dito ‘multinacional’ devido ao reconhecimento das nacionalidades minoritárias, porém, essa limitação de cidadania fazia com que suas representações no âmbito nacional fossem limitadas, pois não possuíam os mesmos direitos dos Han. Eram também parcialmente excluídos da cultura popular, pois a cultura Han estava presente em comunidades de grupos minoritários, mas não existiam representações de tais grupos fora de suas respectivas regiões.

Zhou (2016) explica que como forma de garantir uma compatibilidade nacional, ocorreram interferências nos quatro critérios definidores das etnias – território, economia, língua e cultura própria em comum –, como a criação de autonomias regionais, para definir um território comum para cada minoria, a fim de que elas pudessem manter seus costumes, desde que não colocassem em perigo a integridade nacional.

No âmbito econômico, foram negociadas com representantes das comunidades minoritárias uma liberação pacífica para reformas econômicas mesmo

¹¹ China's Soviet model of multinational-state building granted only limited citizenship to minority citizens (ZHOU, 2016 p. 126).

dentro de comunidades consideradas autônomas, que até tal momento se autogeriam sem a interferência direta externa (ZHOU, 2016).

Em relação à língua em comum, Bradley (2005, p.9, tradução nossa) explica como funcionou o processo de padronização do idioma: “a versão ‘padrão’ da língua deve ser localizada no centro, falada por uma grande parte do grupo, e por aqueles que são socialmente e economicamente mais avançados dentro da nacionalidade”¹². Em seguida, segundo Zhou (2016), a escrita e a pronúncia são padronizadas, e então, a língua minoritária sob o processo de padronização tem o seu vocabulário também padronizado e enriquecido com palavras emprestadas da língua comum da pátria federada, o putonghua. Esse projeto, no entanto, foi implementado e suspenso algumas vezes, até ser colocado em prática pela última vez no início dos anos 90.

No critério cultura em comum, três foram as categorias consideradas: religião, educação e cultura em um sentido mais específico. No que diz respeito à religião, por ser algo que influencia fortemente a cultura e o estilo de vida das comunidades, ocorreu uma redução no número de instituições religiosas, e como forma de diminuir sua influência, foram criadas regras para separar a religião da política em comunidades minoritárias.

No que diz respeito à educação, ela costumava ser associada a igrejas, templos e mesquitas, e as línguas de suas respectivas minorias eram usadas como meio de ensino, até a criação de um escritório de educação para as minorias, que partindo do objetivo de unificar o currículo nacional nas comunidades minoritárias, não deixou espaço para o ensino e a propagação das culturas das próprias comunidades (ZHOU, 2016).

No quesito cultura em um sentido mais específico, o multiculturalismo foi negado para os grupos minoritários no modelo soviético, pois etnias minoritárias precisavam exibir seus costumes, roupas e danças em palcos durante festividades nacionais, e tais demonstrações eram vistas como algo exótico, sendo, porém,

¹² The ‘standard’ version of language should be centrally located, spoken by a large proportion of the group, and spoken by those who are socially and economically more advanced within the nationality (BRADLEY, 2005, p.9).

forçadas a abandonar suas práticas diárias e costumes reais durante o período da Revolução Cultural.

A Revolução Cultural¹³ foi o período em que mais se infligiu danos às minorias étnicas. De acordo com Heberer (2018), o motivo por trás de tal evento foi o desejo de um grupo que seguia Mao Zedong¹⁴ de definir sua linhagem e eliminar o que eles consideravam como inimigos, interpretando o desejo expressado pelas minorias de possuir uma autonomia regional como uma ideia separatista que demonstrava uma oposição à unidade nacional.

Heberer (2018) afirma que as minorias tiveram seus direitos negados, pois seus territórios não foram aceitos como regiões autônomas, além de possuírem suas agências para minorias, como por exemplo comissões de nacionalidade, institutos e escolas, dissolvidas. Durante o período da Revolução Cultural, tendo suas próprias identidades negadas, os grupos étnicos minoritários sofreram os mais diversos tipos de censura e tentativas de assimilação à cultura Han, como forma de unificar o país negando a diversidade existente de tantas etnias.

Unger (1997), professor e jornalista especializado em China, retrata encontros que teve com povos minoritários durante sua viagem pelo sudoeste do país, e escreve: “O chefe de um dos condados em Yunnan, da etnia Yi, declarou que ‘com progresso, os grupos étnicos serão assimilados, e nosso trabalho é manter as tradições culturais existentes, para prevenir que elas se extingam’.”¹⁵ (UNGER, 1997, p.72, tradução nossa). Tal citação comprova e exemplifica o processo de assimilação de culturas, fazendo surgir, dentro das minorias étnicas, uma preocupação acerca do futuro das mais diversificadas manifestações culturais e costumes existentes nesses grupos.

Muitos foram os métodos aplicados na tentativa de uma unificação nacional, colocando em risco a simples existência dos grupos minoritários, e foi apenas com a queda da União Soviética em 1991 que a China buscou alterar seu modelo de

¹³ Período de transformações políticas e sociais movimentado pelas massas do país entre os anos de 1966 e 1976 com forte perseguição ideológica.

¹⁴ Líder comunista que liderou a Revolução Cultural Chinesa.

¹⁵ The head of one such county office in Yunnan, himself of Yi background, declared that ‘with progress, the ethnic groups will be assimilated, and our job is to maintain the existing cultural traditions, to prevent those from eventually becoming extinct’ (UNGER, 1997, p.72).

construção de estado-nação para algo que fizesse mais sentido dentro das suas próprias necessidades e especificações. Foi com a implementação do modelo chinês, a partir de 1992, que as minorias étnicas tiveram sua existência aceita e incentivada, com um modelo baseando-se em uma nação multinacional e multicultural.

Diferentemente do modo com que o modelo soviético lidava com a pluralidade étnica do país, o novo modelo chinês foi mais positivo para as minorias étnicas. Zhou (2016) explica que o conceito de diversidade na união da nação chinesa parte do princípio de que há dois níveis de identidade, um mais baixo, correspondente a cada uma das 56 etnias, e um mais alto, que, por sua vez, corresponde a uma identidade nacional de todos os cidadãos chineses. Esses princípios não substituem um ao outro, mas coexistem e se desenvolvem em conjunto com a diversidade linguística e cultural. A partir desse reconhecimento, os grupos étnicos passaram a ter maior representatividade e liberdade dentro do país.

Ainda de acordo com Zhou (2016), esse modelo de uma nação com diversidade tinha como objetivo construir uma nação inclusiva que acomodasse a diversidade. Com isso, a diminuição dos direitos de minorias através das cidadanias diferenciadas foi reduzida através de diversos métodos, como por exemplo com a criação de leis que determinavam que em órgãos de governos deveria existir um número mínimo de pessoas pertencentes a etnias minoritárias. Políticas com o objetivo de preservação de línguas minoritárias também foram criadas, e através desses e de outros movimentos do governo foi observada a tentativa de criação e implementação de um modelo de nação com diversidade como forma de corresponder à população amplamente plural, no sentido cultural, e fazer com que culturas minoritárias conseguissem ficar no mesmo patamar que a cultura majoritária do país.

Foi a partir de uma nova relação étnica baseada em uma crença que “os Han não existiriam sem as minorias, as minorias não existiriam sem os Han, e as minorias não existiriam umas sem as outras”¹⁶ (ZHOU, 2016, p 129, tradução

¹⁶ The Han cannot do without the minorities, the minorities cannot do without the Han, and the minorities cannot do without each other (ZHOU, 2016, p 129, tradução nossa).

nossa), e o reconhecimento das nacionalidades minoritárias, que foi criado um modelo de sociedade em que as identidades não se contradizem. Zhou (2016) cita também que, para se obter sucesso, a cultura popular da nação chinesa deveria tentar se tornar menos *chinizada* e mais diversificada, garantindo às minorias uma posição igualitária em relação aos Han.

2. UIGURES E TIBETANOS

Dentre as cinquenta e cinco minorias reconhecidas na China, os Uigures e os Tibetanos foram as minorias que mais demonstraram terem recebido impactos negativos com a integração social dos Han, que migraram para áreas habitadas por grupos minoritários com o objetivo de incorporar tais comunidades ao país.

São quatro os eixos que tornaram possível a visibilidade desses impactos causados pelos Han: câmbio demográfico, desenvolvimento desigual ao se comparar às áreas urbanas habitadas majoritariamente pelos Han com as áreas habitadas pelos grupos minoritários, restrições culturais e linguísticas impostas e discriminação e repressão de grupos muçulmanos, que, nesta pesquisa, estão representados pelos Uigures. Esses quatro eixos ao mesmo tempo que são sintomas do descontentamento das populações nativas, também traduzem o fracasso chinês em seu processo de integração social de populações minoritárias (WAISBICH, 2011).

Os Uigures, povo de língua da família do Turco, religião muçulmana e habitantes da região correspondente à província chinesa do Xinjiang, são uma das minorias que mais possuem descontentamentos com a intervenção dos Han em sua comunidade, pois, apesar de possuírem o título de Região Autônoma Uigur do Xinjiang, não têm tal autonomia traduzida na realidade, já que os Han interferem em seu território (WAISBICH, 2011).

A partir dos anos de 1821, foi encorajada pelo governo uma migração dos Han para a região do Xinjiang com o objetivo de incorporar a província no reino chinês, fazendo com que o número de chineses Han dentro da província crescesse de forma rápida. Devido a uma nova situação demográfica onde os Han se viam em um número similar ao dos Uigures, as fronteiras étnicas que antes eram respeitadas começaram a ser destruídas. Até então, por estarem em menor número, os Han se adaptaram à cultura local, porém, após a migração em massa eles passaram a esperar que os Uigures se adaptassem à cultura Han (SMITH, 2013).

Mais adiante, a partir dos anos 90, as relações entre Uigures e Han começaram a se deteriorar, com um crescente ressentimento dos Uigures em

relação à migração Han ao seu território, ocorrendo uma marginalização dos Uigures na educação e no mercado de trabalho, pois os empregos com melhores salários eram majoritariamente dos Han, enquanto os trabalhos manuais e intensivos, dos Uigures. Em paralelo a isso, ocorreu um aumento de atitudes chauvinistas por parte dos Han, que se achavam superiores racial e culturalmente, fazendo com que crescesse o descontentamento entre os Uigures com a unificação e intensificasse a noção de identidade que eles possuíam como grupo étnico, reforçando seu status de minoria (MACKERRAS, 2010).

Juntamente com os Uigures, os Tibetanos são uma das minorias que mais possuem potencial de conflito com os Han dentro das cinquenta e cinco nacionalidades minoritárias consideradas oficiais no país, logo, uma das minorias que mais passou por tentativas dos Han de unificação e assimilação aos moldes do país como tentativa de diminuir as chances de tais conflitos (NORBU, 1995).

Até os anos de 1950, o Tibete possuía um sistema feudal semelhante ao que a Europa possuiu durante a idade média, bem estratificado, e a terra era dividida por três classes sociais, o governo central, o clero e a nobreza, porém a maioria das pessoas não fazia parte de nenhum desses grupos, logo, não possuía terras. Tal sistema era visto pelos Han como opressivo, e foi decidido por representantes dos Han que iriam liberar a população tibetana de tal sistema, e integrar o Tibet à República da China (HASMATH & HSU, 2007).

Assim como com os Uigures, os Tibetanos também sofreram uma invasão dos Han, um pouco mais tarde: a ocupação do território do Tibete por tropas chinesas ocorreu a partir de 1950. A intervenção dos Han foi novamente justificada com o objetivo de crescimento nacional e progresso, mas essa atitude ofendeu os Tibetanos que possuíam um senso de territorialismo forte em relação aos seus campos, que passaram a ser ocupados com esse fluxo de membros da etnia Han para o Tibete (NORBU, 1995).

Com o aumento do número de Han nos territórios dos dois grupos minoritários - Uigures e Tibetanos -, alguns limites foram ultrapassados. Smith (2013) explica que o idioma foi uma das fronteiras simbólicas de maior importância construída pelas minorias, tendo em vista que a maior parte dos Uigures expressa

preferência pela língua nativa. Porém, apesar de tal preferência, são obrigados a atingir fluência no mandarim para conseguir trabalhar e sobreviver numa sociedade recriada pelos Han.

Em decorrência de tal exigência, os Uigures passaram a aprender e também colocar suas crianças em escolas cujo ensino é em mandarim para que no futuro possam competir com imigrantes Han sem a desvantagem que seria falar somente Uigur. Com isso, muitos são fluentes ou possuem conhecimento básico do mandarim como é demonstrado na pesquisa de Herbert S. Yee (2005). Porém, mesmo com tal método de educação, os Uigures possuem orgulho de seu idioma, e suas raízes culturais muito bem definidas.

Com a entrada precoce nos padrões dos Han, jovens de grupos minoritários passaram a se afastar cada vez mais de suas origens. Heberer (2018) afirma que os Uigures, junto com os Tibetanos, são alguns dos poucos grupos étnicos que valorizam e possuem conhecimento do seu próprio idioma, pois como resultado da importância de uma educação em um ambiente cuja língua é o chinês padrão (putonghua), jovens de minorias étnicas passaram a ter muito pouco, e por vezes até nenhum, conhecimento da língua de sua etnia devido ao afastamento de suas origens.

Tal ocorrência apenas reforça o perigo da possibilidade de um futuro desaparecimento de culturas e línguas minoritárias devido à desvalorização das mesmas frente a uma cultura socialmente mais importante e valorizada que os Han definiram como padrão. Um suposto aumento no nível de educação passaria a significar um aumento da assimilação de populações minoritárias e uma diminuição no nível de identidade desses povos.

Diferente da assimilação e imposição dos moldes Han em Xinjiang, território dos Uigures — onde os Han implementaram uma sociedade nos seus padrões, pouco a pouco, com ondas de migração —, a estratégia usada com os Tibetanos foi mais extrema e violenta. O Partido Comunista da China penetrou a sociedade Tibetana com o uso de violência, e as posições políticas mais elevadas foram monopolizadas por membros da etnia Han, além do suporte militar, que fez com que

fosse possível manter uma atmosfera de medo nos cidadãos e evitar possíveis revoltas (NORBU, 1995).

Tal poder nas mãos dos Han, fez com que aspectos culturais que costumavam reger a sociedade desaparecessem, e mais do que os aspectos econômicos que foram modificados, a perda de identidade étnica causada pela dominação Han foi um grande fomentador de conflitos. Ainda de acordo com Norbu (1995), a religião, forte aspecto cultural do grupo, tem tomado grande importância nesse processo, tendo em vista que grande parte das revoltas que aconteceram foram lideradas e organizadas por monges e freiras, além do fato da população enxergar uma figura religiosa, Dalai Lama, como seu verdadeiro governante.

Apesar de não tão relevantes para os Tibetanos, em uma pesquisa feita por Yee (2003), foi demonstrado que as reformas econômicas são motivo de descontentamento para os Uigures. Tais reformas foram realizadas pelos Han em Xinjiang, território inicialmente habitado por Uigures, e parte dos habitantes do local acreditam que os principais benfeitores foram os próprios Han. O autor adiciona que a maioria dos Uigures acreditam também em uma diferença significativa entre eles próprios e os Han, sendo assim a desigualdade entre etnias umas das principais preocupações do povo nativo de Xinjiang.

Ao comparar os dois grupos minoritários, é possível observar diferenças na relação dos grupos minoritários com o majoritário (Han), mas o que une aqueles é o descontentamento com as políticas étnicas do país, que representam a tentativa de diminuir a diferença de estilos de vida existentes entre as minorias e os Han, além de elevar o nível educacional das minorias — que em comparação com os Han é baixo —, através do que Sautman (1998) afirma ser uma “justiça redistributiva” para diminuir a tensão entre os grupos.

Leibold (2016) explica que teoricamente, as cinco regiões autônomas da China — Mongólia Interior, Xinjiang, Tibete, Guangxi e Ningxia — possuíam autoridade de administrar seus próprios interesses, desde heranças culturais até problemas de segurança interna, mas que na realidade tal autonomia não existiu, recaindo assim, tal autoridade nas mãos do governo chinês, que justificava tal controle com a criação de uma união política.

Lai (2016) afirma que o posicionamento dos Uigures e Tibetanos em se manterem firmes contra a tentativa de integração através da assimilação deriva da insistência em manter vivo e em uso o idioma, além da influência religiosa e forte identidade cultural, que fazem com que os grupos possuam orgulho da própria etnia, gerando uma recusa em se deixarem integrar em uma sociedade com uma cultura unificada, deixando suas raízes para trás.

Existem diversos pontos em comum entre o Tibete e a região de Xinjiang, como o fato de abrigarem grupos étnicos minoritários – Tibetanos e Uigures, respectivamente – cujas tradições possuem uma base de forte influência religiosa. Nos dois casos o governo chinês adotou políticas de supressão combinadas com reformas econômicas para obter poder na região, e os dois povos não aceitaram tal modelo de integração.

Ao mesmo tempo em que Uigures e Tibetanos possuem similaridades, uma diferença aparente é o fato da área de Xinjiang ser considerada multi-étnica, diferente do Tibete que possui uma religião com um líder bem definido como é o caso do Budismo Tibetano e do Dalai Lama.

Devido à influência da religião tanto no que diz respeito aos Uigures quanto aos Tibetanos, o governo chinês tentou de diversos modos suprimi-la, criando-se assim, uma imagem extremamente negativa em relação ao seu comportamento no Tibete. Com a supressão da religião, imposição do chinês padrão (putonghua) e ocupação violenta, com áreas do Tibete recebendo tantos imigrantes que os Tibetanos passaram a ser minoria em seu próprio território, a “China está destruindo a cultura do Tibete em um processo rumo ao genocídio cultural.”¹⁷ (MACKERRAS, 2003, p.161, tradução nossa)

¹⁷ China is destroying Tibetan culture in a process leading towards cultural genocide. (MACKERRAS, 2003, p.161)

3. IMPACTOS CULTURAIS E CONTRAMEDIDAS

O período da Revolução Cultural, como já abordado, foi o que mais infligiu danos aos grupos minoritários, com a negação da multiculturalidade do país. Durante esse período, as representações culturais foram não apenas ignoradas, mas negadas, como se pode observar na citação a seguir:

Produtos tradicionais de grupos minoritários não eram mais produzidos ou cultivados, e tradições culturais foram negadas através de pronunciamentos tais como 'Eles deveriam viver em casas em vez de barracas, usar roupas normais no lugar de suas fantasias, tranças em vez de turbantes, e eles deveriam comer e beber em refeitórios.'¹⁸ (HEBERER, 2018, p.25-26, tradução nossa)

Tais políticas aplicadas durante a revolução cultural foram eliminadas com o fim do período, porém os impactos nas etnias minoritárias já tinham ocorrido. Lai (2016) explica que durante o período da reforma, que ocorreu ao fim da Revolução Cultural, os privilégios sociais das minorias étnicas foram expandidos com o objetivo de amenizar os impactos negativos, ou seja, novas políticas preferenciais foram criadas, além das políticas que tinham sido cortadas terem sido postas em prática novamente.

Mackerras (2003) evidencia que uma série de políticas preferenciais foram introduzidas nos anos de 1980, políticas essas que tratavam desde cotas para educação superior até investimentos econômicos em áreas étnicas. Uma das mais importantes e reconhecidas políticas criadas foi o tratamento mais liberal dado às minorias em relação a casamento e partos.

Com o surgimento das extremas regulamentações chinesas de planejamento familiar, como a política do filho único, uma política preferencial exclusiva das minorias precisou ser criada, tendo em vista que comunidades minoritárias já apresentavam uma queda no número de suas populações. Com isso, a todas as minorias étnicas foram permitidos ao menos dois filhos por família, e como resultado

¹⁸ Traditional products for the minorities were no longer produced or grown, and cultural traditions were denied through such pronouncements as: "They should live in houses instead of tents, wear normal clothes instead of their costumes, pigtailed instead of turbans, and they should eat and drink in messhalls."(HEBERER, 2018, p.25-26)

de tal política foi possível observar um crescimento em tais grupos, pois a população pertencente a minorias étnicas passou de 40 milhões em 1964 para 114 milhões em 2010, crescendo assim sua porcentagem na população do país de 5.7% para 8.5%. (LEIBOLD, 2016)

Lai (2016) descreve outra política preferencial desenvolvida para reparar diferenças entre as minorias étnicas e os Han, a política educacional. Estudantes provenientes de minorias étnicas começaram a passar por um processo seletivo diferente e mais simples do que o dos Han para entrar em colégios e universidades, privilégio bem aproveitado principalmente por Uigures e Tibetanos, que possuem um nível educacional, de forma geral, mais baixo.

Leibold (2016), ainda sobre a política educacional, explica que a China percebia a educação como ponto vital para o desenvolvimento do país, e, com isso, investiu em turmas para minorias étnicas nas quais tais estudantes poderiam estudar o currículo padronizado do país e diminuir as diferenças dos níveis educacionais entre os grupos. Contudo, em um sistema em que as aulas eram em um ambiente dominado por Hans, com aulas, dormitórios e cantina separados em Han e etnias minoritárias, a integração visada, na prática, não ocorria; ao contrário, ficavam evidenciadas as disparidades entre as etnias.

Tais políticas criadas com o objetivo de diminuir o impacto causado na revolução cultural mostram uma tentativa do governo chinês de reparar seus erros, porém, apesar de serem de alguma forma eficientes, os impactos causados por ações anteriores não foram necessariamente reparados devido à importância dentro das culturas minoritárias. Não apenas esses aspectos, contudo, receberam políticas específicas de proteção e remediação.

Apesar de concordar que uma língua majoritária é essencial para um país, e que todos os habitantes devem possuir conhecimento da mesma, Mackerras (2016, p.129, tradução nossa), afirma que “língua é de extrema importância para a sobrevivência da cultura de qualquer grupo étnico, porque expressa não somente o estilo de vida e literatura, mas as lendas e valores morais de um povo”¹⁹, e com tal

¹⁹ Language is of extreme importance for the survival of the culture of any ethnic group, because it embodies not only the lifestyle and literature, but the legends and values of a people. (MACKERRAS, 2016, p.129)

observação, fica explícita a necessidade de políticas linguísticas para as minorias étnicas do país, o que não passou em branco para o governo chinês.

Bradley (2005) explica que durante o processo de aplicação de novas políticas linguísticas por parte do governo ocorreu a tradução de diversos livros chineses para idiomas minoritários, além de leis, livros médicos, jornais, revistas, até mesmos livros de nível universitário. Idiomas de etnias minoritárias que possuíam sua própria literatura escrita tiveram suas obras preservadas, e por vezes até traduzidas e publicadas no chinês padrão.

Mackerras (2003) aponta outros benefícios da nova política linguística, como a implementação de um currículo nacional, que tornou possível crianças do país todo, independente de etnia, estudarem a mesma coisa em suas respectivas escolas. Como forma de valorizar os idiomas minoritários, escolas onde a maior parte dos alunos fossem provenientes de etnias minoritárias deveriam prover livros de estudo traduzidos para as línguas nativas, com alguns casos de livros feitos exclusivamente para determinadas regiões com foco em sua própria história e cultura, sendo tais livros em adição ao currículo nacional.

Porém, apesar de tais medidas adotadas pelo governo, não eram todas as minorias étnicas que possuíam sua própria língua que estavam sendo beneficiadas. Heberer (2018) descreve que durante a Revolução Cultural, línguas e manuscritos foram abolidos oficialmente, e uma política de proteção, apesar de tentar valorizar idiomas minoritários, não conseguiu recuperar documentos perdidos durante tal período.

Bradley (2005) explica que, apesar de possuir forte relevância para algumas etnias minoritárias, as políticas linguísticas não se aplicavam para todos os grupos étnicos. Em nacionalidades que possuíam mais de uma língua, foi escolhida uma padrão para todo o território, e línguas de grupos predominantes acabaram substituindo a de grupos menores. Com isso, algumas línguas não tiveram acesso a um suporte oficial, já que não foram escolhidas como padrão de sua nacionalidade, e se tornaram cada vez mais escassos os falantes de tais idiomas.

Mackerras (2003) adiciona que, apesar de aparentemente visarem valorizar as minorias étnicas através de uma educação igualitária, a criação de um currículo

nacional é mais uma forma de integração das minorias à uma sociedade *chinizada* de acordo com os padrões Han. Apesar de existir um ímpeto de valorização de etnias minoritárias, tal atitude se torna secundária quando o real objetivo é a criação de uma unidade nacional, já que escolas ensinam sim línguas específicas das etnias, porém a ênfase na língua chinesa e cultura padrão é inegável, ocorrendo a adaptação de grupos étnicos aos moldes ditados pelos Han.

Barabantseva (2011) corrobora com o que Mackerras (2003) afirma em relação às políticas de educação, e continua o pensamento que diz respeito à utilização do mandarim como língua padrão de estudo, afirmando que tal ação tinha por objetivo unificar os chineses em busca da criação de uma nova nação.

Sautman (1998) afirma que tais políticas existem precisamente devido ao fato de que a desigualdade entre os Han e as minorias não diminuiu. Ele também observa que tais preferências também foram criadas porque existe uma insatisfação partindo de grupos minoritários. Se tais políticas não existissem, tensões entre etnias seriam provavelmente maiores do que já são e apesar de não conseguirem igualar grupos minoritários aos Han, demonstra uma tentativa da etnia majoritária de reparar os danos já causados.

Porém, apesar de uma tentativa de reparação social, o chauvinismo Han não desapareceu com o fim da Revolução Cultural. Gladney (1994) afirma que é impossível visitar a China e não conhecer suas minorias “coloridas”, e no especial de ano novo televisionado em todo o país é assim que elas aparecem, cantando, dançando, girando e sorrindo, usando suas roupas típicas, ocupando metade da programação da noite.

Tal evento não seria digno de crítica caso as minorias fossem valorizadas durante o ano inteiro, porém a comercialização de minorias fica clara quando se visualiza pacotes de imagens, trabalhos artísticos e “fantasias” de minorias sendo vendidos e exibidos como se fossem lembrancinhas de um passeio. Tais objetos mercantilizados representam a cultura de um povo, porém, devido à “exotização” e objetificação de povos minoritários, tornam-se artigos de decoração e de exibição para os Han.

Outro aspecto da desvalorização das minorias étnicas implantada pelos Han se traduz no modo como elas são representadas. Como retratado por Heberer (2018), dentre as guerras que ocorreram no país, as iniciadas por etnias minoritárias são tratadas em livros de estudo dos Han como “agressão” ou destruição, enquanto as campanhas de conquista dos Han são descritas como “do interesse do progresso e desenvolvimento das minorias nacionais”. Sendo assim, as lutas de minorias são categorizadas como belicosas e as dos Han, como progressistas.

Gladney (1994) reforça esse posicionamento ao afirmar que os Han, ao longo da história, sempre se representaram como pertencentes a um nível mais elevado socialmente, enquanto grupos minoritários eram vistos como “fósseis vivos”. Com isso, não é surpresa o fato da identidade nacional ser centrada em tal grupo, enquanto as minorias são tratadas como exóticas e incorporadas numa sociedade Han, tendo suas culturas assimiladas e potencialmente perdidas com o passar do tempo, sendo mantido vivo apenas aquilo que é de interesse do grupo majoritário, a fim de que a China possa ser considerada um país multiétnico e multicultural aos olhos de fora.

As atitudes Han demonstradas confirmam que apesar de existir a intenção de reparar e manter certos aspectos culturais pertencentes às minorias étnicas, na maior parte das vezes existe uma intenção de integração agregada em suas decisões. Os impactos causados por esse objetivo do grupo majoritário de criar uma identidade nacional foram observados em diversas áreas sendo possível encontrar consequências de tais ações até os dias atuais.

Mackerras (2016) escreve sobre tais situações, afirmando que o desaparecimento de uma língua torna difícil a sobrevivência a longo prazo de uma cultura. Ao analisar o funcionamento de minorias étnicas, observou que cerca de um terço dessas minorias já utilizam o chinês padrão como língua nativa junto com sua própria língua, mas seis das cinquenta e cinco minorias já converteram totalmente o idioma de seus grupos, e suas línguas nativas deixaram de existir. Não existe nenhuma política declarando que minorias étnicas não devem usar suas próprias línguas, porém, a sociedade moldada pelos Han tornou difícil a sobrevivência de grupos que não conseguissem se adaptar ao que foi ditado pela maioria.

Apesar da situação sombria e futuro incerto da cultura das minorias étnicas, a preocupação começou a crescer no início do século XXI, e é possível enxergar tal preocupação com a criação do governo em parceria com a UNESCO de um projeto para salvar línguas étnicas em risco de extinção. Foram contabilizadas 22 línguas étnicas na China com menos de 10000 falantes, e tal fato tornou possível a colocação do projeto em prática. (MACKERRAS, 20166)

Então, ao entendermos a importância de suas minorias para o país, que é caracterizado como um país multiétnico e multinacional, foi possível perceber que os impactos causados por atitudes chauvinistas e nacionalistas dos Han com o objetivo de uma unificação nacional trouxeram problemas irreparáveis para as minorias étnicas e suas culturas, e, com isso, para a cultura da China como um todo. No entanto, projetos e políticas recentes mostraram que o país não está alheio aos efeitos causados por suas políticas extremas e de assimilações forçadas, e apesar de impactos irremediáveis, a criação de uma mentalidade nacional de proteção e valorização de culturas minoritárias ainda pode fazer com que grupos à beira da extinção voltem a crescer e possam continuar existindo, e o país se tornar verdadeiramente multicultural, valorizando todas as suas culturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo investigar a influência do nacionalismo nas minorias étnicas chinesas Uigures e Tibetanos, e, através dessa pesquisa, foi possível explicar o processo de definição de minorias étnicas, além de relatar de que forma as atitudes nacionalistas da população majoritária da China, a etnia Han, afetou as minorias étnicas, em especial os Uigures e os Tibetanos. Foi possível, ainda, discutir a presente situação dessas etnias minoritárias, que devido aos impactos causados se encontram em constante tensão com os Han e lutando por suas identidades.

Pesquisar sobre relações étnicas e possíveis descontentamentos de grupos minoritários é lidar com temas delicados. Dentre os efeitos negativos causados por um grupo majoritário, há a dificuldade de acesso a dados, o que constitui uma limitação desta pesquisa. Há, ainda a caracterização de pesquisadores como ameaças substanciais, por parte das autoridades chinesas, quando de pesquisas de rejeição de minorias à ocupação dos Han em seus territórios e possíveis conflitos daí decorridos (YEE, 2005).

Esta pesquisa pretende contribuir com o acesso à informação, tendo em vista que existem poucos estudos na área, e na sua maior parte em outros idiomas, assim, conscientizando possíveis leitores acerca de uma questão com impacto tão grande no âmbito cultural de um país.

Nesta pesquisa, abordamos os impactos do nacionalismo Han sobre as minorias étnicas Uigures e Tibetanos, com enfoque na cultura. Há, ainda, outros aspectos a serem explorados, não só relativos às minorias aqui estudadas, mas às demais minorias reconhecidas pelo governo Chinês. Assim, sugerimos como temas para futuras pesquisas as diferentes formas de reação de outras minorias étnicas em relação ao nacionalismo Han, os efeitos econômicos do nacionalismo, e até mesmo um estudo mais profundo das mudanças linguísticas no idiomas minoritários, bem como as perdas que tais idiomas minoritários tiveram com a implementação de políticas linguísticas específicas. Através da presente pesquisa foi possível demonstrar que tais etnias precisam de atenção e de medidas

preservativas para que possam continuar a existir e exibir as cores de suas culturas
por muitos anos.

REFERÊNCIAS

BARABANTSEVA, Elena. **Overseas Chinese, Ethnic Minorities and Nationalism. De-centering China**. Londres: Routledge, 2011.

BRADLEY, David. **Language policy and language endangerment in china**. International Journal of the Sociology of Language. v.173, p. 1-21. 2005. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/249930365_Introduction_Language_policy_and_language_endangerment_in_China>. Acesso em 17 de Set. de 2019

CORTÉS, Fernando Ribot. **ETNIA E RELAÇÕES DE PODER: O caráter político das "minorias étnicas" desde uma perspectiva Sul-Sul**. Estudos de Sociologia. Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 15, n. 2, p. 93 - 105. 2009. Disponível em:
<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235323/28314>>. Acesso em 17 de Set. de 2019.

DAVIS, Elizabeth Van Wie , **Uyghur Muslim Ethnic Separatism in Xinjiang, China**. China, Asian Affairs: An American Review, v.35, n.1, p.15-30. 2008. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/261622784_Uyghur_Muslim_Ethnic_Separatism_in_Xinjiang_China>. Acesso em: 19 de Nov. de 2019

GIBSON, Nathan. **One of China's smallest ethnic minority groups, the Oroqen, is in danger of disappearing**. (2019) Disponível em:
<<https://www.scmp.com/magazines/post-magazine/long-reads/article/3004653/one-chinas-smallest-ethnic-minority-groups>>. Acesso em 11 de Set. de 2019.

GLADNEY, Dru C. **Representing Nationality in China: Refiguring Majority/Minority Identities**. The Journal of Asian Studies, V, 53, N.1, p.92-123. 1994. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2059528?seq=1>>. Acesso em 11 de Set de 2019

HASMATH, Reza; HSU, Jennifer. **Social development in the Tibet Autonomous Region: A contemporary and historical analysis**. International Journal of Development Issues. v. 6 n. 2, p. 125-141. 2007. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/46545409_Social_Development_in_the_Tibet_Autonomous_Region_A_Contemporary_and_Historical_Analysis>. Acesso em 19 de Nov. de 2019

HEBERER, Thomas. **China and its National Minorities. Autonomy or Assimilation?** Nova Iorque: Routledge, 2018.

LAI, Hongyi. Ethnic autonomous regions and the unitary multi-ethnic nation-state. in: ZANG, Xiaowei. **Handbook on Ethnic Minorities in China**. Gloucestershire: Edward Elgar Publishing Limited. 2016 P.138-164.

LEIBOLD, James. Preferential policies for ethnic minorities in China. in: ZANG, Xiaowei. **Handbook on Ethnic Minorities in China**. Gloucestershire: Edward Elgar Publishing Limited. 2016 P.165-188.

MA, Jiantang. **Press Release on Major figures of the 2010 National Population Census**. (2011)Disponível em: http://www.stats.gov.cn/english/NewsEvents/201104/t20110428_26448.html>. Acesso em 12 de Set. de 2019.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MACKERRAS, Colin. **China's ethnic minorities and globalisation**. EUA e Canadá: RoutledgeCurzon, 2003.

MACKERRAS, Colin. Ethnic Minority languages and cultures. **Handbook on Ethnic Minorities in China**. Gloucestershire: Edward Elgar Publishing Limited. 2016 P.214-290

MACKERRAS, Colin. **Some Issues of Ethnic and Religious Identity among China's Islamic Peoples**. Asian Ethnicity, v.6, n.2, p. 3-18. 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/29455954_Some_Issues_of_Ethnic_and_Religious_Identity_among_China's_Islamic_Peoples>. Acesso em: 10 de Nov. de 2019

NORBU, Dawa. **Han Hegemony and Tibetan Ethnicity**. INTERNATIONAL STUDIES. v.32, n.3. Sage publications. 1995. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0020881795032003005>>. Acesso em: 19 de Nov. de 2019

RIYUN, Cong. **Nationalism and Democratization in Contemporary China**. Journal of Contemporary China. v. 18, n. 62, p. 831-848. 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10670560903174663>>. Acesso em 17 de Set. de 2019

SAUTMAN, Barry. **Preferential Policies for Ethnic Minorities in China: The Case of Xinjiang**. Nationalism and Ethnic Politics. V.4, N 1-2, p-86-118. 1998. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13537119808428530>>. Acesso em 19 de Nov. de 2019

SMITH, Joanne N. **'Making Culture Matter': Symbolic, Spatial and social boundaries between Uyghurs and Han Chinese**. Asian Ethnicity, v.3, n.2 p. 153-174. 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14631360220132718>> Acesso em 19 de No. de 2019

SPENCER-OATEY, Helen. **Culturally Speaking Second Edition: Culture, Communication and Politeness Theory**. Londres: Bloomsbury publishing. 2008.

UNGER, Jonathan. **Not Quite Han: The Ethnic Minorities of China's Southwest**. Bulletin of Concerned Asian Scholars. v. 29, n. 3, p. 67 - 78. 1997. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/270536776_Not_quite_Han_The_ethnic_minorities_of_China's_Southwest>. Acesso em: 11 de Set. de 2019

WAISBICH, Laura Trajber. in: II Colóquio Internacional de Direitos Humanos (FND/UFRJ) 2011, Rio de Janeiro. **Minorias étnicas e mobilização transnacional: legalidade e legitimidade na busca por reconhecimento**. Disponível em: <https://www.academia.edu/5957908/Minorias_%C3%A9tnicas_e_mobiliza%C3%A7%C3%A3o_transnacional_legalidade_e_legitimidade_na_busca_por_reconhecimento>. Acesso em: 7 de Set. de 2019

YEE, Herbert. **Ethnic Consciousness and Identity: A Research Report on Uygur - Han Relations in Xinjiang**. Asian Ethnicity, v.6, n.1 p. 35-50. 2005. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1463136042000309035>>. Acesso em: 19 de Nov. de 2019

YEE, Herbert. **Ethnic Relations in Xinjiang: A Survey of Uygur-Han relations in Urumqi**. Journal of Contemporary China. V. 12, n.36, p-431-452. 2003. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10670560305475?journalCode=cjcc20>> Acesso em: 19 de Nov. de 2019

ZHOU, Minglang. Nation-State building and multiculturalism in China. in: ZANG, Xiaowei. **Handbook on Ethnic Minorities in China**. Gloucestershire: Edward Elgar Publishing Limited. P.111-137. 2016.